

## ALFABETIZANDO NOS ANOS INICIAIS: DESAFIOS ATUAIS

### LITERACY IN THE EARLY YEARS: CURRENT CHALLENGES

Diana Spotti<sup>1</sup>  
Marcilene Pöpper Gomes<sup>2</sup>

**RESUMO:** O tema abordado neste artigo trata-se da alfabetização nos anos iniciais: desafios atuais, tendo como foco a problemática voltada aos desafios que os professores têm para alfabetizar, trazendo algumas obras para dialogar sobre o assunto, bem como relatar sobre os métodos que foram criados ao longo da história da educação. No decorrer do artigo observa-se que as crianças passam por alguns níveis conceituais da escrita para serem alfabetizadas e que este é de responsabilidade do professor conhecer e compreender para auxiliar a criança avançar no processo de alfabetização e letramento. O tema em questão ousa em informar a acadêmicos e profissionais interessados em ampliar seus conhecimentos e as práticas referentes à história da alfabetização no Brasil, e esclarecer os conceitos sobre alfabetização e letramento. Para a realização da pesquisa e a escrita deste artigo a metodologia utilizada foi a partir das observações em sala aula do 2º ano, e aplicação de um questionário a uma professora da Associação Dehoniana Brasil Meridional (Colégio São Luiz). Esta pesquisa ainda que tímida deseja-se que permita refletir e propor breve encaminhamento, quando se observa que este trabalho desenvolvido é fundamental para conhecer e esclarecer alguns conceitos, sobre a alfabetização nos anos iniciais e analisar os desafios atuais, relatando a importância de o professor buscar sempre e continuamente o aperfeiçoamento, ou seja, a formação continuada, com vistas a melhorar a cada dia a sua prática alfabetizadora em sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização. Letramento. Prática Alfabetizadora. Formação.

**ABSTRACT:** *The topic of this article it is literacy in the early years: current challenges, focusing on the problems facing the challenges that teachers have to teach literacy, bringing some works to dialogue on the subject as well as report on the methods that were created throughout history education. On throughout the article observed dry children undergo some conceptual levels of writing to become literate and this is the teacher's responsibility to know and understand to help the child progress in literacy and literacy process. The issue at hand dares to inform academics and professionals interested in expanding their knowledge and practices concerning the history of literacy in Brazil and clarify concepts about literacy and literacy. To carry out the research and writing of this article the methodology used was based on observations in class and 2nd year of a questionnaire to a teacher Dehoniana Association of Southern Brazil (São Luiz College) room. This research still shy if you want to allow that reflect and propose short routing, when it is observed that this work is crucial to know and clarify some concepts about literacy in the early years and analyze the current challenges, reporting the importance of teacher always and continuously seek improvement, ie, continuing education, with a view to improve every day its practical literacy in the classroom.*

**KEYWORD:** Literacy. Literacy. Literacy practice. Training.

---

## 1 INTRODUÇÃO

---

Refletir sobre o processo de alfabetização nos anos iniciais, no atual contexto, é mesmo um desafio. Ao longo da história constatamos que muitos programas de alfabetização foram criados

1 Acadêmica da 5ª fase do curso de Pedagogia (UNIFEBE).

2 Mestra em Educação e Cultura (UDESC). E-mail: marci@unifebe.edu.br

com a intenção de melhorar os índices de alfabetização em nosso país. No entanto, a história, por meio dos resultados, nos mostra que na maioria das vezes é um fracasso e eles são deixados de lado, são esquecidos e politicamente outros aparecem como o “salvador” da triste realidade, por exemplo: alfabetizar todos até aos oito (08) anos de idade.

Alguns teóricos nos auxiliam a compreender melhor o processo de alfabetização, entre eles, podemos citar Emília Ferreiro e Ana Teberosky, quando alertam os profissionais alfabetizadores de que uma criança ou jovem adulto para se alfabetizar trilha uma trajetória, ou seja, passam por alguns níveis conceituais da escrita: pré-silábico, silábico com e sem valor sonoro, alfabético fonográfico e ortográfico, tendo como objetivo alcançar uma escrita ortográfica. Nessa perspectiva,

Para a Teoria da Psicogênese, toda criança passa por níveis estruturais da linguagem escrita até que se aproprie da complexidade do sistema alfabético. São eles: o pré-silábico, o silábico, que se divide em silábico-alfabético, e o alfabético. Tais níveis são caracterizados por esquemas conceituais que não são simples reproduções das informações recebidas do meio, ao contrário, são processos construtivos onde a criança leva em conta parte da informação recebida e introduz sempre algo subjetivo. É importante salientar que a passagem de um nível para o outro é gradual e depende muito das intervenções feitas pelo/a professor/a. (FREIRE. 2003. p.2).

Partindo desse pressuposto, optou-se por desenvolver um estudo voltado à prática da professora Alfabetizadora, estudo este que teve seu início na disciplina de Alfabetização e Letramento, da 5ª fase do curso de Pedagogia da UNIFEBE. Foram realizadas observações em sala de aula do 2º ano e aplicação de um questionário a uma professora da Associação Dehoniana Brasil Meridional (Colégio São Luiz). A turma compreende 30 alunos no período matutino.

O primeiro capítulo objetiva dialogar com teóricos da área sobre a questão conceitual e a perspectiva histórica do processo de alfabetização, os sucessos e insucessos, conforme sugere o título deste capítulo: Alfabetização e Letramento: que Caminhos Percorrer?

Já o segundo capítulo traz a vivência, alfabetizar e os desafios atuais em uma escola particular de ensino, tendo como foco o 2º ano do ensino fundamental, cujo título é: Contribuições de uma atividade prática: alfabetização e letramento nos anos iniciais.

Importante registrar que se trata apenas de um estudo *in loco* entrelaçando um diálogo com teóricos da área, cuja pesquisadora está iniciando as leituras, estudos e reflexões acerca do tema, a qual poderá apresentar certa limitação que faz parte de todo início de um professor-pesquisador!

Esta pesquisa visa contribuir para o estudo voltado à temática em questão, e não tem por objetivo concluir, mas propor a continuidade da reflexão-ação-reflexão que faz parte da formação acadêmica e profissional do sujeito chamado professor.

---

## 2 DESENVOLVIMENTO

---

---

### 2.1. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: QUE CAMINHOS PERCORRER?

---

A História da Alfabetização no Brasil aborda alguns preceitos econômicos, sociais, políticos, culturais e educacionais, e quando analisada nos mostra uma sequência cronológica, citando saber ou não-saber ler e escrever da população. Ao pesquisar sobre esse tema analisam-se dois elementos opostos, o analfabeto (esta em processo de alfabetização) e o analfabetismo (falta de instrução para se alfabetizar). Porém, não ser alfabetizado não quer dizer que o indivíduo não conheça e/ou identifica as letras. “A escola transmite uma concepção de que a escrita é transcrição de oralidade.” (MATENCIO, 1994, p.16).

No ano de 1872 até por volta de 1920 buscava-se saber o número de pessoas que sabiam ou não ler e escrever, porém com o passar dos anos o conceito de alfabetização foi sendo estabelecido e por meio disso as pessoas eram consideradas alfabetizadas. Por exemplo, em 1950, quem era capaz de escrever um bilhete simples era considerado alfabetizado e em 1958, a UNESCO definia como alfabetizada uma pessoa capaz de ler ou escrever um enunciado simples.

Os primeiros métodos de alfabetização utilizados foram o analítico-sintético, tendo como foco dois aspectos para alfabetizar; o sintético fonético parte da letra (fonação, soletração e a silabação) e por finalidade alfabetiza com auxílio de textos; o analítico não fonético parte de textos estimulando a palavrção e a sentencição em textos tendo como finalidade apresentar as letras.

Um exemplo de método sintético são as “cartas de ABC”, que é o método mais antigo de alfabetização de 1905, que apresenta ao indivíduo o alfabeto em letras maiúsculas e minúsculas, imprensa e manuscrita, no próximo segmento apresentava-se as vogais e o BABEBIBOBU, estimulando no momento das leituras das letras e sílabas. Outro exemplo a ser citado é o método da cartilha criado em 1979.

Nas últimas cinco décadas, a apresentação gráfica das cartilhas melhorou: já não são impressas em “papel de embrulho” e as capas tornaram-se coloridas e atraentes. Teriam mudado os conteúdos, as frases soltas, os conselhos morais? Nem sempre. Tudo isto ainda existe, com nova roupagem. Desde a época em que as cartilhas reinavam nas escolas, até a atual voga das “propostas construtivistas”, tenho acompanhado as mudanças que vêm ocorrendo na prática de alfabetização. (CARVALHO, 2003. p. 82).

Em meados de 1980, surge a invenção do letramento, dando início a um momento histórico no Brasil, assim, iniciaram-se as práticas sociais voltadas à leitura e a escrita, que emerge como questão fundamental. Os conceitos encontrados sobre alfabetização e letramento se mesclam e algumas pessoas acabam se confundindo, mas há uma diferença entre eles; porém, os dois caminham juntos no processo de leitura e escrita. A alfabetização se consiste no aprendizado do alfabeto e no processo em que o indivíduo constrói a gramática e suas variações. Já o letramento, é o resultado do ato de ensinar a ler e escrever, sendo determinada uma variedade de gêneros de textos na qual a criança ou o adulto passa a conhecer. Os métodos utilizados no processo de alfabetização e letramento foram sendo aprimorados com o passar dos anos, portanto o papel do professor se tornou cada vez mais significativo e fundamental para que a alfabetização de crianças e adultos aconteça.

Nos dias atuais, temos escolas que são bem amparadas, recebem recursos que nos auxiliam nas práticas em sala de aula, usam livros didáticos e participam de programas de alfabetização que desperta o interesse pela escolarização e os professores têm formação continuada e uma disciplina de horários.

Por um período de doze anos, trabalhei com projetos de política e de pesquisa nas áreas de alfabetização, ensino de língua portuguesa e livro didático, podendo observar as alianças (constantes) e os confrontos (nem tão constantes) entre a política, a ciência e o direito nos discursos oficiais. Vi também como proliferaram nas últimas três décadas, os discursos “sobre” a alfabetização, criando um espaço de produção de linguagem em que, quase sempre, repetiam-se diagnósticos e propostas de solução. (SILVA, 1998, p.11).

Os programas de alfabetização no Brasil são muitos, mas um dos mais atuais é o PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), destinado aos professores da rede pública e tem como objetivo oferecer a formação continuada para os professores das séries iniciais do ensino fundamental. E como a educação passa por transformações é preciso que a mudança na educação

aconteça, e o PNAIC contribui para esse processo de alfabetização e letramento, capacitando os professores para atuar em sala de aula e a lidar com esses processos na qual as crianças passam. Mais importante, analisar que este entre tantos outros programas criados ao longo da história da educação, a problemática na alfabetização de crianças, jovens e adultos permanece. Talvez pudesse se arriscar a pensar que por se tratar sempre de programas políticos partidários os sucessos não são alcançados. O desafio encontra-se em definir o conceito de alfabetização e letramento, ter clareza da concepção que se acredita e que se deseja pôr em prática, sem seguir modismos. O diferencial está na formação inicial e continuada do profissional alfabetizador e sua escolha!

Nos anos iniciais as crianças já passaram pela pré-escola, portanto, já têm uma série de conhecimentos adquiridos, conheceram alguns processos de aprendizagem e as características da linguagem escrita. As crianças da pré-escola, aos poucos já começam a adquirir uma capacidade de leitura e escrita, pois o contato com o letramento é responsabilidade da Educação Infantil, 1ª etapa da Educação Básica, e conforme a Lei de Diretrizes e Bases – LDB, o Art. 32. “O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão” (p.15). Dessa forma, a Alfabetização é compromisso dos anos iniciais. É durante o processo de escolarização (entre 5 e 6 anos), já nos anos iniciais, que as crianças aprendem as regras do sistema alfabético, sabendo como representar as letras do seu nome, por exemplo, outras usam grafias que diz respeito ao seu próprio nome.

No começo da interpretação da própria escrita, a criança pode acompanhar seus desenhos de outros sinais que representam seu próprio nome. Se trabalha sobre o modelo da escrita de imprensa (grafias separadas), pode usar várias grafias similares, mas de tal maneira que em todas elas, como conjunto, diz seu próprio nome, mas em cada uma delas tomadas separadamente, também diz seu nome. A hipótese de que o que escrevem são os nomes logo se generaliza progressivamente aos nomes de objetos. (FERREIRO. TEBEROSKY. 1991. p. 182).

Desde muito pequenas as crianças são estimuladas ao letramento, por exemplo, quando observam informações no dia a dia, jornais, revistas e livros de histórias; portanto, essa estimulação facilita no processo de alfabetização da criança. O educador pode possibilitar trabalhos em grupo que contribui para a alfabetização das crianças, dando assim, oportunidade de interação e troca de conhecimentos.

Segundo Soares (2006, p.24).

[...] conceito de **letramento** é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser **analfabeto**, mas ser, de certa forma, **letrado** (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a *letramento*). Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se interessa em *ouvir* a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se *dita* cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, **letrado**.

A proposta de alfabetização de Emília Ferreiro e Ana Teberosky é denominada a Teoria da Psicogênese da Língua Escrita, e atualmente auxilia os educadores a conhecer o processo e as etapas que ocorre até a criança ser alfabetizada. E o papel do professor é de transmitir um sistema notacional na qual a criança passa a conhecer e experimentar o universo da escrita, que tem como objetivo auxiliar as crianças a construir palavras compreendendo o valor das letras. Para o desenvolvimento do processo de alfabetização há três aspectos fundamentais, que devem de ser priorizados: ler, escrever e interpretar. Portanto, nós professores temos como dever buscar não só uma formação, mas também informações que auxiliem as crianças nesse processo tão significativo.

Fazer o uso de tecnologias educacionais é uma sugestão, trazendo para as crianças histórias gravadas em áudio, propondo a contação de histórias por meio da dramatização que tem como objetivo desenvolver a autonomia.

Segundo Silvia (2002, p.10).

A história faz todos sorriem, a aula passa a ser uma divertida brincadeira e até gente grande volta a ser criança, como ela mesma fala se “até gente grande volta a ser criança gosta de história imagina as crianças”. Mas para que isso aconteça o narrador deve estar consciente de que importante é a história, ele apenas conta o que aconteceu, emprestando vivacidade à narrativa.

A consciência fonológica também pode ser apresentada de maneira lúdica às crianças dos anos iniciais, brincando com rimas e palavras, com sílabas e fonemas. É significativo capacitar as crianças a dividir as palavras em pedacinhos e a perceber que elas são compostas por fonemas, assim, vão tendo facilidade em reconhecer as aliterações das palavras.

Na busca pela concepção de alfabetização e letramento analiso diversas maneiras de alfabetizar, portanto o professor que busca se tornar um alfabetizador deve pesquisar sobre esses aspectos e tirar as suas dúvidas buscando se sentir seguro diante de uma turma a ser alfabetizada, pois essa decisão faz o professor refletir sobre a língua escrita.

Dessa forma, Carvalho (2003, p.84) cita

Neste livro, exponho algumas maneiras de alfabetizar, mais ou menos estruturadas, que deixam ao professor uma boa margem de liberdade para a tomada de decisões. Incluo os métodos que levam em conta a capacidade do professor e do aluno para refletir sobre a língua escrita (como objeto do conhecimento) e sobre o próprio ato de aprender a ler.

Sendo iniciando por textos, frases ou palavras até chegar às sílabas é preciso que o alfabetizador tenha a sua metodologia acompanhada de exemplos e sugestões. “Por uma análise dos textos das cartilhas (que constituem “o” modelo de escrita dos alunos) em termos de sua coerência e coesão, fica bastante claro por que essas mesmas crianças apresentarão problemas sérios nas suas produções futuras. (MASSINI-CAGLIARI, 2001, p. 61).

Nota-se o quanto o professor deve ter clara a concepção de alfabetização para atuar em sala de aula, não basta conhecer os métodos de alfabetização é preciso ter um planejamento fundamentado que traga opções e que deixe o alfabetizador ainda mais seguro de sua escolha, afinal, a base de toda boa prática é a teoria.

---

## 2.2. CONTRIBUIÇÕES DE UMA ATIVIDADE PRÁTICA: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS

---

No início da observação e da entrevista com a professora, nota-se o quanto é prazeroso para um acadêmico estar a campo tendo contato com a prática docente. As práticas desenvolvidas em pesquisas e entrevistas, por exemplo, faz refletir sobre a teoria que já conhecemos (fazendo uma relação entre as mesmas). Portanto, é fundamental que as escolas estejam aptas a receber e auxiliar práticas de pedagogos.

Relatando a observação é possível pensar em alguns fatores que auxiliam no processo de alfabetização das crianças. Observa-se o quanto o espaço que a criança está inserida é fundamental nesse processo, a organização do espaço é um fator no qual as crianças aprendem a pesquisar e a lembrar de atividades já realizadas em sala buscando sempre tirar dúvidas, estimulando também a autonomia.

Organizar a sala em áreas é, então, muito importante, pois favorece a movimentação das crianças e sua participação em atividades que venham ao encontro de seus interesses. Essa divisão atende, ainda, à própria diversidade das ações das crianças, que, em geral, alternam seu engajamento, em momentos diversos, na busca de satisfação de suas necessidades de desenvolvimento e conhecimento. (KRAMER, 2002, p. 76).

Diante da observação e da entrevista em uma turma dos anos iniciais permite refletir o quanto ter essa proximidade com os métodos utilizados para alfabetizar é significativo. Para um acadêmico que busca ser um alfabetizador, uma experiência como essa auxilia muito e apresenta a alfabetização do modo que talvez não se conhecesse. É de suma importância que as escolas sejam um espaço de formação para os acadêmicos, abrindo portas para que muitos trabalhos sejam realizados, pois assim, a instituição contribui com a formação de futuros professores.

Assim sendo, foram observadas aulas de Língua Portuguesa, sendo esse espaço oportuno para alfabetizar quando se observa na sala o varal ortográfico e o alfabeto, mostrando os traços da letra script e cursiva, para que quando necessário fosse utilizado pelas crianças.

No decorrer das aulas a professora oportuniza as crianças a realizarem a produção texto, e as crianças deveriam continuar a história de “Pedro e Tina”, por exemplo. A professora sugere com alguns argumentos, que as crianças explorassem a imaginação e a criatividade, fazendo uso da pontuação, do travessão e do parágrafo no início das frases. No término das atividades observam-se algumas produções, a imaginação foi despertada entre as crianças, relatando aventuras de “Pedro e Tina”. Dessa forma,

[...] a escrita engloba desde a habilidade de transcrever a fala, via ditado, até habilidades cognitivas e metacognitivas; inclui a habilidade motora (caligrafia) e a ortografia, o uso adequado de pontuação, a habilidade de selecionar informações sobre um determinado assunto e de caracterizar o público desejado como leitor, a habilidade de estabelecer metas para a escrita e decidir qual a melhor forma de desenvolvê-la, a habilidade de organizar ideias em um texto escrito, estabelecer relações entre elas, expressá-las adequadamente. (SOARES, 2006, p.70).

O questionário dirigido, aplicado com a professora, aborda alguns argumentos sobre alfabetização e letramento. A professora relata como alfabetiza os alunos, qual o seu conceito com relação aos processos de alfabetização e letramento. Ela afirma que é na pré-escola, que já se podem identificar as hipóteses silábicas presente entre os alunos e em qual nível silábico as crianças se apresentam até o momento. Informa ainda, que para a fundamentação de sua prática, realiza leituras de algumas obras de Emília Ferreiro e Miriam Lemle, são as fontes de pesquisa utilizadas para auxiliar no processo de alfabetização.

Durante a observação percebeu-se que havia algumas dificuldades vindas das crianças com relação à escrita de algumas palavras. Desse modo, quando da aplicação em sala de um plano de aula, organizou-se de tal forma que pudesse proporcionar às crianças a ampliação do vocabulário e auxiliar no processo de escrita, trazendo o jogo como proposta pedagógica.

Em se tratando da Alfabetização, assim como outras disciplinas, o desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem. Através das brincadeiras a criança participa na construção do mundo. Os professores devem rever o conceito de infância, entendendo que para a criança participar ativamente do mundo em que vive ela precisa brincar. (ARDIGÓ, KRETZSCHMAR. 2007. p.11).

Esta investigação propõe analisar os métodos de alfabetização utilizados nessa unidade escolar e as dificuldades que as crianças encontram nesse processo de leitura e escrita, e é o que justamente este artigo sugere: refletir sobre os desafios atuais no processo de alfabetização nos

anos iniciais. Considera-se que a dificuldade na representação da linguagem é visto como um processo normal da criança, uma vez que por meio do lúdico a criança aprende brincando e avança no processo, assim, o erro é visto como possibilidade de avançar, quando se propõe a criança a reflexão sobre a sua própria escrita.

Para Macedo e Campelo (apud Ferreiro e Teberosky 1985, p.30):

Na teoria de Piaget, o conhecimento objetivo aparece como uma aquisição, e não como um dado inicial. O caminho em direção a este conhecimento objetivo não é linear: não nos aproximamos dele passo a passo, juntando peças de conhecimento umas sobre as outras, mas sim através de grandes reestruturações globais, algumas das quais são "errôneas" (no que se refere ao ponto final), porém "construtivas" (na medida em que permitem aceder a ele). Esta noção de erros construtivos é essencial.

A proposta de Alfabetização parte da produção de textos, na qual as crianças são estimuladas a interpretar, identificar as ideias explícitas, reconhecer o número de letras, de sílabas das palavras e o som (método fonético). Na observação, as crianças deveriam continuar a história segundo a sua imaginação e a criatividade, tendo uma sequência de ideias. Naquele momento, a professora teve o papel de mediadora auxiliando as crianças na escrita de algumas palavras e tirando dúvidas com relação à escrita da letra cursiva. É evidente o quanto o professor deve argumentar na produção de textos e estimular o desenvolvimento da imaginação das crianças, propondo uma escrita correta.

[...] a ortografia tem sido excessivamente valorizada na escola e que mais vale um texto criativo e interessante com falhas do que outro ortograficamente impecável, mas sem vida; o que não implica deixar de lado o objetivo da correção ortográfica. (CARVALHO, 2003, p. 76).

Uma das propostas às crianças é a leitura de livros, tendo como objetivo o desenvolvimento da leitura e da escrita. Na sala são disponibilizados alguns livros no Cantinho da Leitura para que ao término de algumas atividades as crianças possam ler, é oferecido às crianças o mascote Leitureco; e devem recebê-lo em sua casa e fazer um relatório escrito sobre a sua estada, acontece semanalmente a visita a biblioteca para que a leitura aconteça também em casa.

Segundo Sandroni (1991, p. 31), "a biblioteca é o fator que dá oportunidade de desfazer um condicionamento, apresentando uma gama de opções de leitura, facilitando a livre escolha da criança e promovendo um contato agradável com os livros".

A professora, quando questionada sobre a questão dos processos de alfabetização e letramento na pré-escola e ela logo responde:

Se o trabalho da alfabetização for realizado de uma maneira prazerosa como acontece com a Educação Infantil da nossa Instituição de Ensino, pautada em projetos, músicas, contações de histórias, o lúdico e o envolvimento com a família, o processo vai acontecer naturalmente, respeitando o nível e o desenvolvimento de cada criança. É de suma importância que aconteça eventos que envolvam desde a educação infantil até os anos iniciais, pois é desde o maternal que as crianças precisam ter contato com o mundo letrado, como por exemplo: Em livros de histórias e fichas com o seu nome.

Dessa forma, pode-se constatar que a professora compreende o processo de alfabetizar e letrar na perspectiva da construção, da experimentação, do contato com diferentes portadores de texto e com diferentes práticas sociais, estando assim, de acordo com a teoria que fundamenta a prática nessa unidade escolar, ou seja, de acordo com o Projeto Político Pedagógico - PPP.

Ao analisar as hipóteses silábicas entre as crianças, pode-se notar que a maioria das crianças apresenta estar no nível alfabético; alguns já estão caminhando para uma escrita ortográfica. Como sugestão foi construído um plano de aula para auxiliar as crianças nesse processo, tendo como objetivos, organizar as palavras seguindo uma ordem alfabética, separar as palavras em sílabas, escrever segundo a norma ortográfica e unir as sílabas formando palavras.

A escrita silábica é o resultado de um dos esquemas mais importantes e complexos que se constroem durante o desenvolvimento da leitura-e-escrita. Esse esquema permite à criança relacionar, pela primeira vez, a escrita à pauta sonora da palavra: uma letra para cada sílaba; tantas letras quantas sílabas. (FERREIRO, 2011, p. 77).

A primeira atividade é a organização das palavras, seguindo uma ordem alfabética, sugere que seja realizada em grupos propondo uma interação entre as crianças.

**Figura 1:** Atividade organizando palavras.



Fonte: Arquivo do Pesquisador.

**Figura2:** Atividade organizando palavras.



Fonte: Arquivo do Pesquisador.



A professora reforça que para a sua prática de sala de aula é significativo se fundamentar em autores, a sua prática utiliza-se das leituras de Emília Ferreiro e Miriam Lemle, conforme prevê no PPP da unidade escolar.

---

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Durante a pesquisa desejou-se compreender os processos de alfabetização e letramento nos anos iniciais, observando os desafios atuais desse processo, entrelaçando um diálogo com diferentes autores para auxiliar a esclarecer o tema em questão. Analisar refletir sobre a prática de uma professora alfabetizadora é fundamental para a formação de um acadêmico, quando é oportunizado a fazer a relação teoria e prática tão desejada na formação inicial. Ampliar seus conhecimentos sobre o processo de alfabetizar e letrar, bem como o caminho percorrido pela criança para ser alfabetizada.

No desenvolver dessa pesquisa, manteve-se o desejo de conhecer a história da alfabetização no Brasil, revendo os métodos que eram e são utilizados para alfabetizar. Na pós-modernidade as escolas são bem amparadas e recebem o auxílio de livros e programas de alfabetização, porém depende do alfabetizador (ou da instituição de ensino) analisar os métodos e saber qual aplicar.

Naturalmente que o homem sempre sentiu, pensou e sonhou, porque isto faz parte de sua globalidade humana. Mas é necessário lembrar que o sonho, fonte do imaginário, não teve o mínimo prestígio durante a Modernidade. Assim, "a louca da casa", como era chamado o imaginário, foi obrigada a ser ignorada. (ELIAS, 1996, p.124).

Como apresentada na pesquisa é de suma importância de um acadêmico conhecer a prática de sala de aula e fazer a relação com a teoria, para quem deseja ser alfabetizador esse estudo é fundamental, trazendo alguns aspectos e tornando o alfabetizador ainda mais seguro de sua escolha. Não basta conhecer as práticas e os métodos, é preciso se fundamentar e com certeza e gostar do que faz.

Sugerem-se algumas obras que foram essenciais para a produção deste trabalho, dando base teórica e enriquecendo esta produção, como "Letramento: um tema em três gêneros" de Magda Soares e "Reflexões sobre Alfabetização" de Emília Ferreiro. As leituras dessas obras foram diferenciais para a compreensão do tema e proporcionaram um melhor esclarecimento sobre o assunto.

Com esta pesquisa pôde-se conhecer um pouco sobre a prática da instituição já citada no decorrer do artigo e analisar os métodos que são utilizados. Houve uma ampliação de ideias sobre o tema e o esclarecimento de algumas dúvidas, quando se pretende afirmar que para ser professor alfabetizador precisa mesmo estudar, conhecer a história da alfabetização em nosso país e fazer uma escolha como professor alfabetizador: qual concepção de alfabetização acredito e que guia, orienta minha prática. E, assim, criar possibilidades por meio de jogos, contação de histórias entre outros, conforme experiência relatada aqui, alfabetizar com consistência e seriedade. Nota-se que o trabalho desenvolvido foi fundamental para conhecer e esclarecer alguns conceitos, sobre a alfabetização nos anos iniciais e analisar os desafios atuais, bem como ressaltar a importância do investimento na formação continuada do professor alfabetizador.

### REFERÊNCIAS

ARDIGÓ, Elaine Cadore. KRETZSCHMAR Fernanda Atanásio dos Santos. **Alfabetização Lúdica**. Brusque-SC, 2007.

- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- Disponível em: <<http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/noticias/5591-teresa-clara-riffel>>. Acesso em: 23 jul.2014.
- ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Pedagogia Freinet: teoria e prática**. Campinas, SP: Scipione, 1996.
- FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 284.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. 26. ed. São Paulo-SP: Cortez. 2011.
- FREIRE, Ângela. **Contribuições Teóricas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky**. Salvador, 2003.
- KRAMER, Sonia (Coord.). **Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil**. 14 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- MACEDO, Alessandra Aspasia Dantas de. CAMPELO, Maria Estela Costa Holanda. **Psicogênese da Língua Escrita: As Contribuições de Emília Ferreiro à Alfabetização de Pessoas Jovens e Adultas**. Disponível em : <<http://27reuniao.anped.org.br/gt18/t181.pdf>> . Acesso em: 26 jul. 2014.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **O texto na Alfabetização: Coesão e Coerência**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura Produção de Textos e a Escola**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1994.
- SANDRONI, Laura, Machado, Luiz. **A criança e o livro**. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- SILVIA, Maria Betty Coelho. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática. Série Educação. 7. ed. 2002.
- SILVA, Mariza Vieira da. **História da Alfabetização no Brasil: a constituição de sentidos e do sujeito da escolarização**.Campinas- SP. 1998.
- SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed.11. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.